

Desvendando imagens: aspectos da reconstituição virtual do forte Maurício através da cartografia histórica holandesa

Bianca Machado Muniz

Universidade Federal de Alagoas - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Dinâmicas do Espaço Habitado
bianca602@gmail.com

RESUMO

O fato de suas antigas marcas apresentarem-se desconhecidas ou fragilizadas pelo tempo estimula o interesse contemporâneo dos pesquisadores pelas cidades coloniais brasileiras. Nos últimos anos, tal investigação vem sendo auxiliada pelos registros de imagens elaborados por cosmógrafos, naturalistas e pintores europeus nos séculos XVI e XVII, podendo ser utilizados como importante ferramenta na pesquisa científica. Neste contexto situa-se a antiga Vila de São Francisco, que ocupa as margens do rio São Francisco, que limita a região sul do Estado de Alagoas e, em especial, um elemento urbano que marcou expressivamente a história do lugar. Trata-se de um edifício de caráter militar que fora edificado no território da vila em 1637 quando estava sob o domínio holandês e o governo do Conde Maurício de Nassau. Batizado com o mesmo nome do referido governador (Maurício), a fortificação é indicada nos registros cartográficos de procedência neerlandesa como um edifício de grande porte em relação às proporções urbanas da vila. Na segunda metade do século XVII o forte foi destruído na ocasião da retomada da colônia pelo poder português, mas acredita-se que tenha deixado marcas de sua existência através de influências na configuração urbana da antiga vila. No sentido de avançar no entendimento desta questão, imagens antigas e atuais foram postas em confronto resultando na produção de esquemas gráficos e infográficos que deram visibilidade à identificação de semelhanças entre elas e de permanências urbanas, sejam essas relativas à situação, forma ou dimensões do forte. Este embate permitiu o reconhecimento de correspondências de certos elementos urbanos que configuravam a vila de Penedo em seu momento colonial, desde caminhos e edifícios, até a locação do Forte Maurício que hoje não se expressa mais através de suas bases físicas, mas persiste de alguma forma edificado no imaginário local.

Palavras-chave: Iconografia Histórica; Estudos arqueológicos; Fortificação holandesa

ABSTRACT

The fact that their signs of antiquity are unknown or have been dispersed by time, has stimulated a contemporary interest among researchers in the colonial towns of Brazil. In recent years, the investigations of these researchers have been aided by the 16th and 17th Century records of images designed by European cosmographers, naturalists and painters which serve as a valuable tool in scientific research. Among the towns is the historic Vila de Penedo which is situated alongside the banks of the River São Francisco that defines the southern border of Alagoas State, and includes a striking urban feature of especial interest in the history of the region. This is a building of a military character that was built in the precincts of the town in 1636 when it was under Dutch control and governed by Count Mauricio de Nassau. The fortress was endowed with the same name as the Count and is mentioned in cartographical records of Dutch origin as an imposing building in relation to the urban dimensions of the town. In the second half of the 17th Century, the fort was destroyed when the the colony was recaptured by the Portuguese forces but it is

believed that it has left vestiges of its existence which are discernible in the urban configuration of the old town. With a view to furthering our understanding of this question, old and contemporary images of the town were placed alongside each other and this led to the production of graphic and infographic designs which made it possible to identify similarities between the past and the remaining buildings, whether with regard to the location, form or dimensions of the fort. This contrast enabled us to recognise certain corresponding urban features that shaped Vila de Penedo in the colonial era, from roads and buildings to even the exact location of Fort Mauricio, the physical foundations of which are no longer visible but which survives in the imagination of the local people as some form of building.

KEYWORDS: Historical iconography; Archaeological studies; Dutch fortification.

I - HISTÓRICO

Não se sabe ao certo quando a vila São Francisco passou a ser chamada Penedo. Assim se referem à vila a maioria dos textos seiscentistas holandeses. Já os portugueses, referem-se à vila São Francisco, ou aos “moradores do rio São Francisco”. Uma vez que a povoação foi elevada à vila em 1636 com o título de São Francisco (COELHO, In: FREIRE, 2004), optamos por nos referir assim à Penedo do século XVII.

Locada às margens do Rio São Francisco, então limite sul da Capitania de Pernambuco, a fundação da referida povoação tinha como objetivo inicial defender os limites da capitania de Pernambuco, que fora doada a Duarte Coelho Pereira.



Figura 01 - Atual feição da Cidade vista atual da cidade de Penedo. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

As incursões francesas que vinham ao rio São Francisco piratear pau-brasil com a ajuda do gentio apontaram para a necessidade de colonizar o local, que também era o ponto mais afastado da sede da capitania de Pernambuco e, portanto, mais exposto aos inimigos.

Não se sabe ao certo a data em que se iniciou ocupação da área pelos portugueses. As datas que referenciam o fundamento do primeiro núcleo variam de 1522 a 1555.

Tudo indica que a iniciativa veio por parte de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário de Pernambuco, que teria vindo pela costa de sua capitania até o Rio São Francisco, apaziguando os gentios e expulsando os franceses que pirateavam o pau-brasil, antes de voltar para Portugal. Nestes primeiros anos, a povoação era chamada São Francisco, como o rio.

Com estas e outras vitórias, alcançadas mais por milagres de Deus, que por forças humanas, cobrou Duarte Coelho tanto ânimo, que não se contentou de ficar na sua povoação pacífico, senão ir-se em suas embarcações pela costa abaixo até o rio de S. Francisco, entrando nos portos todos de sua capitania, onde achou naus francesas, que estavam ao resgate de pau-brasil com o gentio, e as fez despejar os portos, e tomou algumas lanças e franceses, posto que não tanto a seu salvo, e dos seus, que não ficassem muitos feridos, e ele de uma bombardeada, de que andou muito tempo maltratado, e contudo não se quis recolher até não a limpar a costa toda destes ladrões, e fazer pazes com os mais dos índios, e isto feito se tornou para a sua povoação. (Salvador, 1982, p.118)

Mas a colonização teria se consolidado no ano de 1560, quando o filho do primeiro donatário, Duarte Coelho de Albuquerque, fundou uma feitoria para vigilância do gentio, no lugar hoje denominado Rochedo, onde já deveria haver algumas moradas. Esta se tornou, portanto a data mais frequentemente referenciada para marcar o início da povoação que originou a atual cidade de Penedo (VALENTE, 1957, p.9), data que corresponde à viagem que o donatário realizou ao rio São Francisco para fazer guerra ao gentio que vinha importunando os colonizadores e seus escravos:

E assim, tanto que chegaram a Pernambuco, e tomou Duarte Coelho de Albuquerque posse da sua capitania, que foi na era de mil quinhentos e sessenta, logo chamou a conselho os homens principais do governo da terra, e se assentou entre todos, que se elegeisse por general da guerra Jorge de Albuquerque, o qual aceitando o cargo começou logo a fazer assim aos inimigos do cabo de Santo Agostinho, saindo-lhes muitas vezes ao encontro aos seus assaltos, matando, e ferindo a muitos, com que já deixavam alargar-se os brancos, e viver em suas granjas, como aos do rio de São Francisco, aonde foi em companhia de seu irmão, e neste militar exercício se ocupou cinco anos... (SALVADOR, 1982, p.162.)

Essa segunda viagem ao rio São Francisco deve ter resultado na fortificação da povoação que se iniciava, para proteger contra os ataques indígenas, coisa muito comum nos primeiros anos do Brasil colônia. Estas primeiras fortificações deviam corresponder a uma muralha de taipa, ou a uma paliçada protegendo as feitorias, o que levou o lugar a ser referenciado como arraial fortificado.

Enquanto na região norte - a de Porto Calvo - e na região central - a das lagoas: Alagoa do Norte e Alagoa do Sul - o povoamento se processou através da fundação de engenhos de açúcar, já o do Penedo tem origens bem diferentes. Seu fundamento se baseia na defesa do sul da capitania de Duarte Coelho. Foi-lhe dado o feito de arraial fortificado: era o ponto mais distanciado da sede da capitania, e também o limite desta. Daí a necessidade de constituir-lo núcleo de defesa do extremo sul, preservando colonos mais expostos, ali que em outras partes, aos assaltos dos indígenas. (DIÉGUES JÚNIOR, 1980, p.73)

Tendo sido fundada em meados do século XVI, no início do XVII a povoação foi elevada a freguesia, o que significava que a mesma era visitada regularmente por um cura - um padre, que visitava regularmente uma povoação. No ano de 1636, Duarte de Albuquerque elevou a povoação à vila, ainda com o título de São Francisco, um ano antes da chegada dos holandeses ao local.

Desde 1630, os batavos lutavam pela posse da capitania de Pernambuco, e com a chegada de Maurício de Nassau em 1637, as tropas holandesas finalmente conseguiram dominar a capitania. Os holandeses vieram desde Porto Calvo perseguindo os portugueses que atravessaram o rio São Francisco às pressas, em fuga para a Bahia, conforme mostra a vista de Frans Post. Observando a importância da vila para a defesa do Brasil Holandês, Maurício de Nassau mandou que fosse construído ali o Forte Maurício para defender os limites do território recém dominado.

Julgo cumprir o meu dever levando ao nosso conhecimento como Deus Omnipotente expulsou duma vez desta terra para além do rio de S. Francisco os nossos inimigos. Considerei necessária a conservação do paiz a construção de alguns fortes sobre este rio, a saber na foz do mesmo e também junto á cidadezinha de Penedo, onde o inimigo atravessou-o, situada cerca de seis milhas do mar. Este rio tem largura igual á do Maas antes do porto de Delft e tal correnteza que se não pode dizer. Espero com o auxilio de Deus, conter o inimigo nestas fronteiras. (NASSAU, 1646, p.26)



Figura 02: Castrum Maurity Ad Ripan Flumini S. Francisci, de Frans Post, 1647.

A fundação da Vila São Francisco vem da necessidade de proteger e garantir a propriedade da Capitania de Pernambuco até seus limites. Era preciso afastar o risco de pirataria ou invasão por parte de estrangeiros, especialmente dos franceses. Assim, Duarte Coelho Pereira, e mais tarde, Duarte Coelho de Albuquerque, providenciaram a posse da capitania através da ocupação territorial.

A vila São Francisco também era “caminho único e natural” que ligava Pernambuco à Bahia, já que as viagens marítimas entre as duas eram difíceis e perigosas durante a maior parte do ano. Segundo Visconde de Porto Seguro, “*as viagens marítimas entre a Bahia e Pernambuco eram mais perigosas do que entre aquela capitania e Portugal.*” (FREIRE, 1977, p.68). Por estar localizada num ponto importante de comunicação por via terrestre, a vila se assemelhava a uma “porta” da capitania na direção sul, bem como vigia do tráfego no rio São Francisco.

A referida vila também abastecia Pernambuco com o gado necessário para a alimentação e para mover os engenhos. Embora não fosse uma grande produtora de açúcar, seus rebanhos tinham importância fundamental para o funcionamento da indústria açucareira.

Em primeiro lugar a jurisdição de Pernambuco estende-se até o rio de S. Francisco, cerca de 40 milhas para o sul; nesta região os poucos habitantes, quase todos pastores, vivem unicamente de bois e vacas, para a criação dos quais a terra se presta muito havendo ali grande quantidade destes animais; fazem também ali bastante farinha, pescam muito peixe e colhem fumo; encontra-se igualmente algum pau-brasil, mas pouco açúcar e todas estas mercadorias são trazidas anualmente d’uma vez para Pernambuco; á beira mar tem-se achado freqüentemente muito âmbar. (VERDONCK, 1630)

A importância da vila como proteção dos limites e do acesso à Capitania de Pernambuco, se acentuou com a invasão holandesa, uma vez que a conquista deste ponto significava a posse de todo o território pernambucano. A construção do Forte Maurício confirma e reforça a idéia da vocação de guarda da vila, fundamental tanto para defender os limites do domínio holandês, como para apoiar as incursões nas áreas próximas e na capitania de Sergipe Del-Rei, e ainda do aproveitamento do gado para suprimento do Brasil Holandês.

Considerada a situação, conveniência e importância da Vila de São Francisco, em que alojava o Nassau, para nos impedir as entradas e se aproveitar de copiosíssimos gados que havia na campanha, levantou junto ao rio um forte real. Em benefício a sua fama e esplendor do seu nome, lhe fez chamar Maurício: guarnecendo-o com sete peças de bronze e mil e seiscentos soldados, à ordem do General Segismundo. (FREIRE, 2001, p.245.)

Para os holandeses era fundamental a posição da vila São Francisco, ponto de acesso à capitania, e ponto provável do qual podiam esperar reações por parte dos luso-espanhóis, visto que muitos habitantes

de Pernambuco se refugiaram na margem oposta do rio São Francisco, na capitania da Bahia de Todos os Santos.

Após a expulsão dos invasores, o forte foi destruído, de modo que nada mais resta. A área foi reocupada por uma parte importante do centro histórico, inclusive a Catedral, a Casa de Aposentadoria e a Praça Barão de Penedo.

Em todo caso, a invasão holandesa permitiu que a vila São Francisco fosse documentada graficamente, através das imagens realizadas pelos invasores. Os portugueses também realizaram imagens do rio São Francisco, mas nestas não é possível ver detalhes da configuração urbana da vila.

II - A ICONOGRAFIA HISTÓRICA E O REGISTRO DO FORTE MAURÍCIO

Quanto às paisagens desse território, é a partir da vinda de Maurício de Nassau para o Nordeste do Brasil, juntamente com a sua comitiva composta por cartógrafos, naturalistas e pintores, que são expressivamente decodificadas por esta variada e qualificada equipe.

Dentre os integrantes dessa comitiva, encontravam-se os pintores Albert Eckhout (1610-1664), Frans Post (1612-1680) e George Marcgrave (1610-1644), naturalista e também cartógrafo de nacionalidade alemã, que permaneceu nas terras brasileiras durante o período de 1638 a 1644. Os dois últimos foram os responsáveis por ilustrar o livro “História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil...” de autoria de Gaspar Barléus de 1647, que narra os feitos do governador do Brasil, o alemão João Maurício de Nassau, sendo Post autor das vistas, e Marcgrave autor dos mapas. (BARLEUS, 1974, p.346-347)

Além das imagens trazidas no livro de Barléus, outras foram realizadas, muitas das quais provavelmente cópias das imagens de Post e Marcgrave. Entre elas estão a produção do cartógrafo Johannes Vingboons (1616-1670), que apesar de nunca ter estado no Brasil, teve acesso a obras que lhe permitiram ter as informações necessárias para a realização de seu trabalho. Entre as suas imagens estão uma mapa e uma vista do Forte Maurício e da vila São Francisco.

Entre as imagens realizadas pelos autores citados acima, algumas foram fundamentais para a realização deste trabalho.

O mapa da figura 03, mostra uma área que engloba o entorno da vila, onde foi construído o forte Maurício, o rio São Francisco e a margem oposta do mesmo. Intitulado *Castrum Mauritiij*, é uma das estampas que fazem parte do livro de Gaspar Barléus.

O mapa está dividido horizontalmente em três faixas: o trecho superior traz informações detalhadas sobre a vila e o forte; na faixa central, aparece o Rio São Francisco ocupando a maior parte da imagem, e na faixa inferior, um trecho da Capitania de Sergipe Del'Rei.

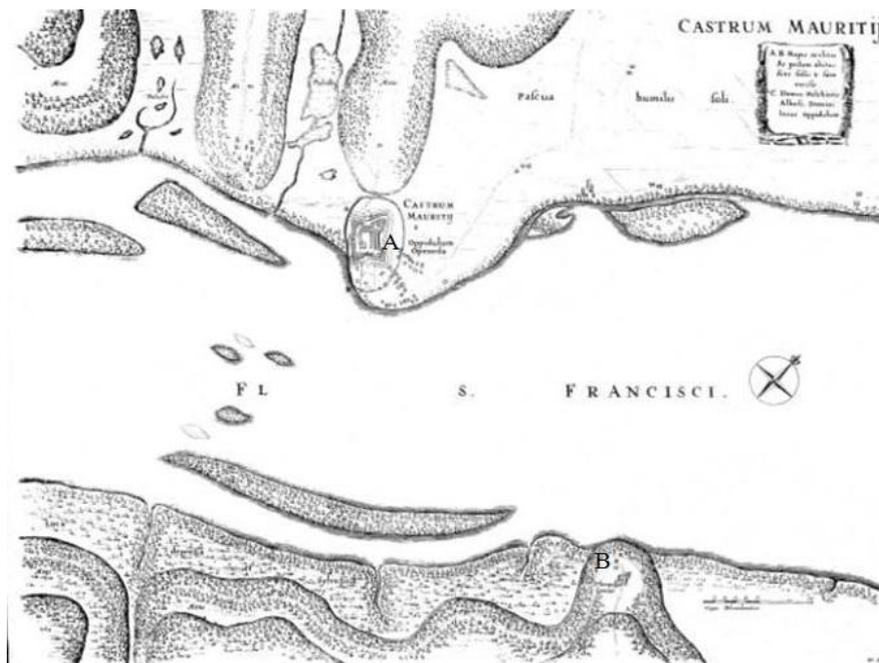


Figura 03: Castrum Mauritiij, Marcgrave, 1647.

A titulação da figura 03, Castrum Mauritiij ou Forte Maurício, vem a demonstrar que o forte é o foco principal desta representação. Este (A) aparece sobre a rocha e dele partem vários caminhos ao longo dos quais aparecem construções de pequeno porte. Alguns caminhos seguem paralelos ao rio, também margeados por casas, enquanto outros seguem para além da parte superior do mapa, se constituindo provavelmente em vias de acesso a outros núcleos urbanos, como Recife e Olinda, representações fundamentais diante da importância da vila como passagem. Do lado oposto do rio, nota-se a presença de um pequeno reduto (B), localizado onde hoje está a cidade sergipana de Neópolis, anteriormente conhecida como Vila Nova. À direita do reduto, destaca-se a escala gráfica do mapa, Verga Rinthlandica (grafado Virgae Rhenolandicae no mapa), que será utilizada mais adiante para se inferir as dimensões do forte.

A figura 04 consiste em um mapa elaborado por Johannes Vingboons, e representa o forte sobre a rocheira, abarcando ainda uma área considerável do entorno, possuído também uma legenda em holandês antigo.

Muito semelhante à imagem anterior, podendo ser uma cópia da mesma, ou ainda ambas terem se baseado numa terceira desconhecida. Várias são as semelhanças: a localização e forma da topografia, das ilhas, das margens do rio; a posição, forma e dimensão das lagoas, rios afluentes do São Francisco, o direcionamento dos caminhos, e a localização do Forte Maurício e do reduto do outro lado do rio.

Sua legenda oferece ainda outras informações sobre o forte Maurício e seu entorno, bem como datas e acontecimentos importantes. O cabeçalho exhibe o assunto principal do mapa – “Carta da fortaleza que o Conde Maurício de Nassau mandou construir...” - como também a data em que o mesmo chegou a vila. Também nesta imagem o Rio São Francisco se coloca numa posição privilegiada dentro do espaço gráfico.

O item B dá a distância em milhas, entre o forte e a foz do rio. Já o item C, se refere à altura do rochedo sobre o qual o forte foi assentado, e que hoje é chamado de Rocheira. O item D marca o local onde o Conde Bristola, isto é, Bagnuolo, atravessou para o outro lado do rio, fugindo dos holandeses. (CORTESÃO, 1971, p.18-19)

Outras informações que aumentam o potencial informativo do mapa são as indicações dos montes, habitações dos portugueses e locais para animais – confirmando a caracterização da vila com atividades ligadas ao pastoreio em vez da produção de cana. Sobre a questão da exploração econômica da região, outro autor seiscentista aborda este fato:

Considerada a situação, conveniência e importância da Vila de São Francisco, em que alojava o Nassau, para nos impedir as entradas e se aproveitar de copiosíssimos gados que havia na campanha, levantou junto ao rio um forte real. Em benefício a sua fama e esplendor do seu nome, lhe fez chamar Maurício: guarneceu-o com sete peças de bronze e mil e seiscentos soldados, à ordem do General Segismundo. (FREIRE, 2001, p. 245)

Também os pontos fortificados são apontados: o item A indica a posição do Forte Maurício, e o item I indica o reduto que existiu do outro lado do rio, o qual também está presente no mapa 2.



Figura 01 - Kaart Van Het Fort't Welk Graaf - Maurits Van Nassaun por Johannes Vingboons, 1666.

TABELA 1 - Conteúdo das legendas no mapa elaborado por Johannes Vingboons com tradução.

LEGENDA EM HOLANDÊS	TRADUÇÃO
Kaart van het fort't welk graff Maurits van Nassaun heet doen leggen aan de Rivier S. Francisco den 29 maart 16...	Carta da Fortaleza que o Conde Maurício de Nassau mandou construir do lado do Rio S. Francisco em 29 de março de 16...
A - 't fort Mauritius genaant (geraant)	A - fortaleza chamada de Maurício.
B - 'r stedeke Oponedo gelegen 6 mylen van de zec	B - ... o Penedo situado a 6 milhas do mar.
C - srijle ou sryl e - klip hoog 59 vott	C - rochedo alto com altura de 59 pés. (aproximadamente 19 metros)
D - de plaas doen de graaf van Bristola in'tgeveert goden 12 maart 1637 wolk up .	D - o lugar onde o conde de Bristola na luta de 12 de março de 1637 mandou seu povo passar para o outro lado do rio.
E - woningen den portugesen nhokhen voor de beestin	E - habitações dos portugueses e lugares para os animais.
F - lags landen dis wassen den rivier alle jaren ondenhopen	F - lugar onde existem sempre inundações do rio.
G - lergen	G - montanhas
H - esen sryl islandjs gen. Penedo Dt St: Pedro. waar na list . dorp gnaant is	H - uma pequena ilha de Pedra de nome São Pedro que deu nome à vila.
I - jt honte wambus aan de zy der rivier : behonende onder de provintis van Bahia de Todos os Santos.	I - local de observação de madeira do lado sul do rio fazendo parte das províncias da Bahia de Todos os Santos.

A iconografia seiscentista, no decorrer do estudo foi constantemente confrontada com imagens atuais da cidade. Para este trabalho, utilizamos a Planta da cidade de Penedo, digitalizada em auto cad, e o mosaico fotográfico da CODEVASF (figuras 05 e 06).

III - EM BUSCA DOS VESTÍGIOS DO FORTE MAURÍCIO

O objetivo inicial da comparação entre a cartografia holandesa da vila São Francisco, e as imagens da cidade atual, foi identificar semelhanças e permanências urbanas. Com este fim foi utilizado o mapa Vingboons (Fig. 04) e uma vista aérea atual da cidade (Fig. 05), de onde se recortou a área do centro histórico que devia ser trabalhada, marcando em cada uma as semelhanças encontradas.

A experiência originou dois infográficos. Foram marcados os caminhos de direcionamento semelhantes, isto é, os caminhos da vila, e as ruas que se originaram deles, na vista aérea atual. Foram marcados também duas construções que já aparecem nas imagens holandesas a capela do Rosário dos Pretos, atual igreja do Rosário que se identifica nas imagens com o número (2). E a primeira capela, atual Catedral, que se identifica com o número (1) nas imagens. A atual Catedral não foi construída sobre a primeira capela, mas em área próxima, o que permitiu que a localização da mesma fosse tomada como referência.

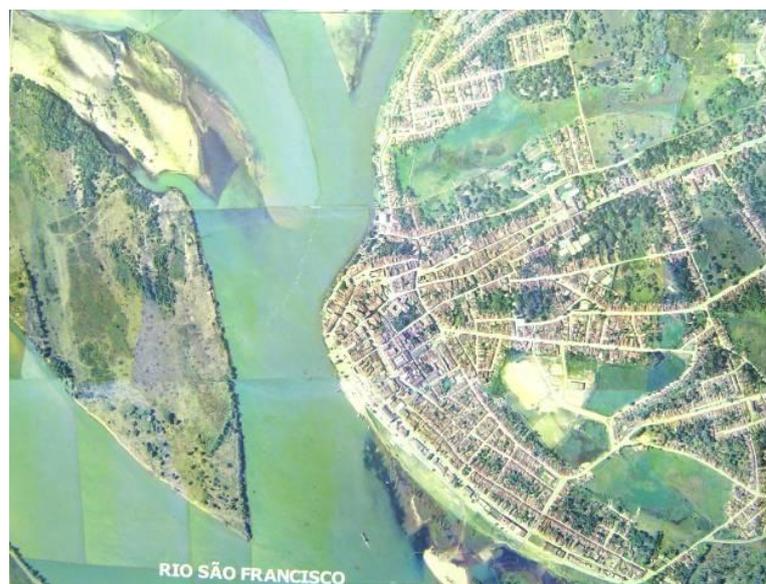


Figura 05: Mosaico Fotográfico CODEVASF. jan/2001.

A primeira capela aparece nas imagens holandesas dentro do forte, o que indica que foi circunscrita por suas muralhas. Em algumas oportunidades as igrejas foram utilizadas como quartel, como por exemplo em Porto Calvo, onde “*a primeira capella foi, no Alto da Forca, convertida em reducto de guerra nas occupações marciaes de Porto Calvo*”. (GALVÃO, 1877, p.283). Também em Recife os holandeses se apoderaram do convento franciscano, utilizando-o como quartel do Forte Hernesto.

Em Penedo, a utilização da igreja pelos holandeses é corroborada no texto de Nieuhof:

Ficamos detidos quase um dia em um banco de areia, e, depois de o termos vencido, atingimos a vila denominada Penedos, a cavaleiro de uma enorme montanha. (...) No tempo dos portugueses existia **no forte** uma igreja que transformamos em arsenal, era circundada por um bom **muro** junto ao qual o rio passava, ao norte, onde a montanha é abrupta. (NIEUHOF, 1981, p.303 – grifo nosso).

Outras construções antigas, como a Cadeia (iniciada em 1662), a Casa de Aposentadoria (iniciada em 1671), o Convento Franciscano (iniciado em 1660) as Igrejas da Corrente e de São Gonçalo Garcia (ambas do século XVIII), foram construídas após a expulsão dos holandeses, portanto não aparecem nas imagens.

A realização dos estudos infográficos revelou que a primeira capela, o porto e os percursos oriundos da ligação da cidade com outros núcleos urbanos foram os principais pólos que influenciaram o surgimento de sua malha urbana. Observamos que alguns caminhos partem do rio em direção ao porto. Outros seguem para fora da vila, provavelmente em direção outros núcleos urbanos. Porém, um caminho em especial se amolda ao forte e adquire sua forma. Seria, portanto, um caminho que surgiu após a construção do forte, devido à necessidade de percorrer à margem desta obra de fortificação.



Figura 06: Infográfico realizado com base no mapa Vingboons.

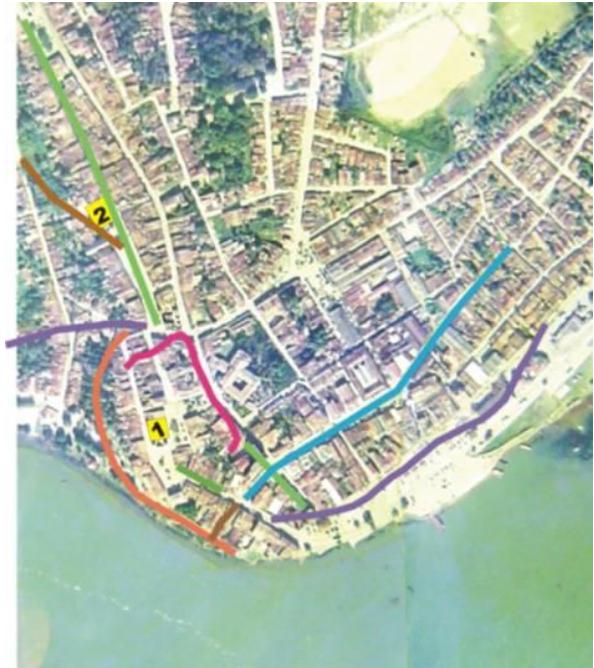


Figura 07: Infográfico realizado com base no mosaico fotográfico da CODEVASF.

A análise da imagem atual da cidade indica a permanência deste caminho, correspondendo à atual rua 7 de Setembro, a qual passa em frente ao convento de Santa Maria dos Anjos. Esta rua representa claramente uma herança da presença batava na vila São Francisco, onde se diz não haver sinais de construções holandesas, visto que o próprio forte foi destruído quando os portugueses retomaram a vila que então estava em mãos dos invasores holandeses.

Posteriormente, usou-se a cartografia a fim de “resgatar” virtualmente o forte Maurício. Primeiro buscou-se verificar as dimensões do forte nas imagens, o que se conseguiu tanto através da digitalização do mapa para colocá-lo em escala, como também através da sobreposição dos mapas. Também foi possível situar o forte na cidade atual. Em seguida, compreender o desenho e o funcionamento das estruturas representadas como sendo parte integrante da fortificação.

Para tanto, os principais métodos utilizados foram a digitalização das imagens, sobreposição e comparação de mapas, confrontando mapas atuais e cartografia holandesa, realização de esquemas gráficos e infográficos, e a verificação das relações entre a cartografia e os relatos de época. Para verificar a forma do forte, foi elaborada uma planta e um corte esquemático do mesmo, permitindo o destaque de sete estruturas que compõem o complexo da fortificação, indicadas a seguir:

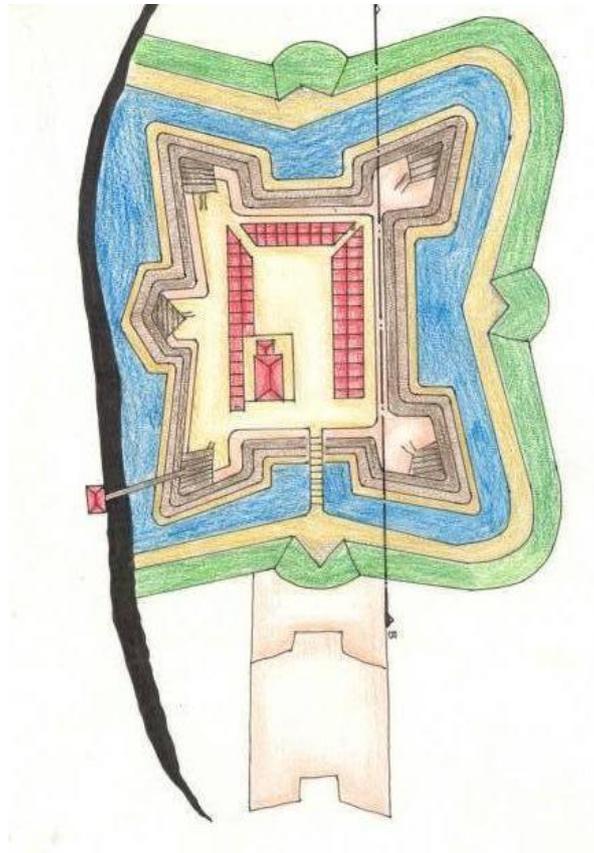


Figura 02: Infográfico realizado com base no mapa Castrum Mauritiij, em planta.
Fonte: Bianca Muniz

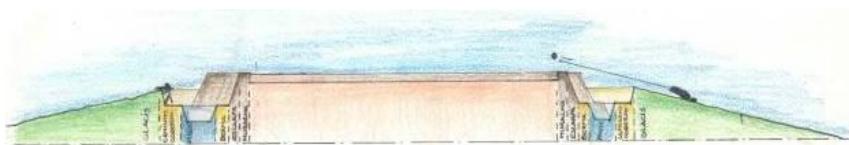


Figura 09: Infográfico realizado com base no mapa Castrum Mauritiij, em corte.
Fonte: Bianca Muniz.

A Praça de Armas e dependências internas: respectivamente em amarelo claro e vermelho nas figuras 08 e 09, a praça de armas se constituía numa área aberta dentro dos fortes, destinada a revistas ou exercícios militares, e onde as tropas se reuniam para receber ordens. Já as dependências internas eram as construções feitas para a guarnição da fortificação. O forte Mauricio possuía uma praça de armas

quadrangular, onde se distribuíam três dependências, dispostas em “U”. O quarto elemento presente na praça de armas corresponde à primeira capela da vila, o que se pode atestar pela sua forma.

- b. Terraplino e plataformas de artilharia: os terraplenos (em bege, ao redor da praça de armas) se constituem na parte alta do reparo, onde labora a artilharia, e plataformas de artilharia (em marrom nos vértices dos baluartes) são as plataformas em pedra ou madeira, que devem suportar o movimento da carreta dos canhões, quando estes são disparados. Os terraplenos, em geral, são cheios de terra, permitindo ao reparo suportar e amortecer os tiros dos canhões adversários. Em cada baluarte observa-se a presença de um elemento hachurado, tratando-se provavelmente das plataformas, que parecem ser acessadas por meio de uma escada ou rampa.
- c. Muralha, escarpa e berma: as muralhas escarpadas deviam sustentar os terraplenos. A escarpa é a representação em topo da inclinação das muralhas, e a berma era um elemento comum nas fortificações holandesas, construídas entre as muralhas e o fosso, que permitiam à guarnição andar por fora das muralhas e dali contra-atacar no nível dos inimigos. Aparecem, nas imagens 9 e 10 ao redor dos terraplenos, respectivamente em marrom escuro, marrom claro e ocre.
- d. Fosso: era um dos elementos mais antigos e importantes das fortificações, constituindo-se numa vala profunda e larga, seca ou cheia d’água, que dificultava o acesso às muralhas, e aumentavam a altura destas. Corresponde à área em azul nas figuras 08 e 09. É delimitado pela linha da berma e do caminho coberto. Observa-se que o mesmo não tinha contra escarpa do lado esquerdo, e que em vez de caminho coberto e o glacis estava protegido pelo despenhadeiro que ali se inicia, indicando que o fosso do forte Maurício devia ser seco – não havia curso de água no local que permitisse a existência de fosso úmido.
- e. Caminho coberto (ocre): estrada que existe entre o fosso e o glacis. Ela possui um nível mais baixo, constituindo-se num entrincheiramento. Permite a permanência de soldados por fora do forte, mantendo-os ao mesmo tempo, protegidos pelo glacis.
- f. Glacis: em verde nas imagens 9 e 10, o glacis é um “*declive a frente de uma fortificação que se estende de modo a trazer os soldados inimigos o mais diretamente possível para linha de fogo*”. (CHING, 1999, p.124). É possível que a inclinação natural do terreno tenha sido utilizada como glacis.
- g. Hornaveque: trata-se de uma obra externa, formado por dois meios baluartes ligados por uma cortina. Está representado na posição inferior ao forte. Também pode-se identificar a entrada da fortificação, o trânsito, que seria do mesmo lado em que está localizada a referida obra externa.

O estudo da cartografia permitiu também verificar a dimensão do forte, e sua localização dentro da cidade. Inicialmente, foi necessário colocar as imagens em escala.

Utilizando o programa auto cad, importou-se o mapa *Castrum Mauritij*, onde utilizou-se a escala gráfica do mapa convertendo-o para metros. Sabendo que a escala utilizada na confecção do mapa é a Verga Rhenolandica, onde cada unidade corresponde a 3,767 metros, obteve-se um forte Maurício de aproximadamente 9 134m² e perímetro de 555 metros.

Em seguida, utilizando a vista aérea em escala, foi realizada a sobreposição da imagem digitalizada do Forte sobre a imagem atual, como se observa na figura 10. Verificou-se que o Forte Maurício ocupa uma parte considerável do meio urbano, uma vez que se tratava de uma construção de grandes proporções.



Figura 10: Sobreposição de fontes cartográficas, indicando a possível localização do Forte Maurício no núcleo colonial de Penedo. Fonte: Bianca Muniz.

IV - CONCLUSÕES

O estudo da cartografia histórica se mostrou um mecanismo eficiente no processo de reconhecimento do núcleo colonial de Penedo e de seu forte. Tal material deu margem para a identificação de suas ruas mais antigas, tanto as que permaneceram como as que tiveram alterações no seu curso.

Também foi possível verificar os pólos definidores do traçado da cidade, além de remanescentes urbanos que antecederam a passagem dos holandeses pela região. Através do material cartográfico foi possível também recuperar a compreensão da forma do forte Maurício, suas dimensões e localização, o que seria fundamental para a elaboração de uma estratégia de trabalho de escavação arqueológica. Portanto, o legado cartográfico, no processo de investigação acerca do Forte Maurício, se mostrou confiável, e sua

manipulação trouxe à tona aspectos pragmáticos desta obra de defesa ao mesmo tempo em que gerou subsídios para possíveis ações de preservação de sua memória material, uma vez que a construção permanece viva no imaginário da cidade.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Acrísio Torres. *Pequena história de Sergipe*. Aracajú, s/ed, 1966.

ARROXELAS, Galvão, Olimpio de. Ligeira Notícia sobre a vila de Porto Calvo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Maceió, Typ. de T. de Menezes, 1879. Volume I, número 10, Dezembro, 1877, p. 283 a 288, CD-Room.

BARLÉU, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1647. CDrom.

BUENO, Beatriz P. S. *Desenhando o Brasil: o saber cartográfico dos cosmógrafos e engenheiros militares da colônia e do Império*. In. COSTA, Antônio Gilberto (Org). *Roteiro prático da cartografia da América portuguesa ao Brasil Império*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. pp.28-49.

CAROATÁ, José Prospero Jeová da Silva. *Crônica do Penedo*. Maceió: Reedições DEC – Revista do Instituto Histórico de Alagoas, 1962.

CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1971.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *O bangüê nas Alagoas*. Maceió, EDUFAL, 1980.

FREIRE, Felisbelo. *História de Sergipe*. Petrópolis, Vozes, 1977.

FREIRE, Francisco de Brito. *Nova Lusitânia: História da Guerra Brasileira*. São Paulo, Beca Produções Culturais, 2001. Cd-room.

GALINDO, Marcos & MENEZES, José Luiz da Mota. *Desenhos da Terra: Atlas Vingboons*. Recife, Instituto Cultural BANDEPE, 2003.

GALVÃO, Olimpio de Arroxelas. *Ligeira Notícia sobre a vila de Porto Calvo*. CD-Room do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. 1877.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*. Pernambuco: Fundação Joaquim Nabuco, 1987.

MÉRO, Ernani. *História do Penedo*. Maceió, s/ed, 1974.

NASSAU, João Maurício de. *Cartas Nassovianas. Correspondência do conde João Maurício de Nassau*. Governador do Brasil Hollandez, com os estados dos Geraes (1637 – 1646).

NIEUHOF, Joan. *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil. Traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos; confronto com a edição holandesa de 1682.* Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627.* São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte, Itatiaia, 1982.

SOUZA, Gabriel Soares. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587.* São Paulo / Rio de Janeiro/ Recife / Porto Alegre, Brasília, 1938.

VALENTE, Aminadab. *Penedo sua história.* Maceió, s/ed., 1957.

VERDONCK, Adriano. *Descrição das capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande. Memória apresentado ao conselho político do Brasil, por Adriano Verdonck, em 20 de maio de 1630.*